

Imunoterapia em Medicina Veterinária: o que sabemos



Luís Martins

Professor da Universidade de Évora.
Coord. do Gi Imunoalergologia
Comparada e Veterinária

Tal como em medicina humana, as fontes alergénicas mais ambientais mais frequentemente implicadas em medicina veterinária são os ácaros do pó e armazenamento, os pólenes e os fungos, a que se juntam as fontes alimentares.

A imunoterapia alérgico-específica (ITE) é atualmente a única opção terapêutica para alergia, com potencial curativo, ao promover o condicionamento dos mecanismos imunológicos de hiper-

sensibilidade. Com o incremento de prevalência de alergia nos nossos animais, a ITE vem-se posicionando, também em medicina veterinária, como opção terapêutica crescente, associada a uma taxa de sucesso apreciável, a longo prazo, sem os efeitos secundários de uma farmacoterapia tradicional, prolongada.

É nas espécies canina, equina e felina que esta opção terapêutica vem sendo mais utilizada, com clara predominância para o cão, onde os estudos apontam para mecanismos imunológicos associados ao tratamento, muito semelhantes aos igualmente reportados em humanos. Dessa forma, como coabitantes dos nossos lares, muitos dos nossos animais domésticos podem constituir, também, modelos de estudo para a alergia humana.

Simultaneamente, o conhecimento crescente no domínio veterinário permitirá um diagnóstico mais preciso e completo, proporcionando uma abordagem terapêutica mais indivi-

dualizada e eficaz, o que conduzirá a maior bem-estar animal, com menor recurso a farmacoterapia tradicional. Será, assim, menor o recurso a corticosteroides e antimicrobianos, com menos consequências, quer para os animais, quer para todos nós, numa perspetiva *One Health*. Em alternativa, outros fármacos imunomoduladores, mais recentes, de reconhecida eficácia clínica, mas dispendiosos, não serão isentos de efeitos adversos a médio e longo prazo.

Na prática clínica corrente em medicina veterinária, encontram-se hoje estabelecidos protocolos diagnósticos direcionados às diferentes espécies, dos quais resultam quadros decisórios terapêuticos, onde se insere a ITE.

Tal como em medicina humana, as fontes alergénicas ambientais mais frequentemente implicadas em medicina veterinária são os ácaros do pó e armazenamento, os pólenes e os fungos, a que se juntam as fontes alimentares. Os atuais extratos vacinais

devem incluir as espécies implicadas mais relevantes para cada indivíduo, nomeadamente em termos de sensibilidade relevante primária.

Prossigue-se, atualmente, no sentido de identificar os principais alérgenos maior implicados, para cão, gato e cavalo, objetivando, num futuro próximo, o diagnóstico e a subsequente ITE por componentes, o que deverá permitir taxas superiores de eficácia clínica. Simultaneamente, vai-se caracterizando melhor a resposta imunitária naquelas espécies animais, de forma a melhor identificar marcadores biológicos associados à melhoria clínica no decurso da ITE.

Tal como na vertente humana, o futuro deverá permitir uma cada vez mais precisa caracterização da resposta fisiopatológica em imunologia veterinária e a influência nela produzida por uma cada vez mais específica imunoterapia, baseada em fundamentos eminentemente moleculares.